

# A URBANIZAÇÃO NO RS: CARACTERÍSTICAS RECENTES

---

*Naia Oliveira\**

Os desafios que se colocam atualmente no sentido de consolidar uma política de desenvolvimento urbano e regional no Brasil não advêm somente da necessidade de reestruturar as instituições públicas encarregadas do provimento de infra-estrutura, mas decorrem também da exigência de estudos que venham a auxiliar na compreensão das manifestações da urbanização no território. É objetivo deste texto colaborar na reflexão sobre essa problemática no Estado do Rio Grande do Sul, principalmente quando se desenvolve um debate nacional, com a finalidade de preparar a participação brasileira na Conferência das Nações Unidas sobre Assentamentos Humanos — Habitat II, a ser realizado em junho de 1996, em Istambul, na Turquia.

As análises da dinâmica da urbanização no capitalismo têm seu eixo condutor nas mudanças da divisão social e territorial do trabalho, detectadas através da leitura histórica do desenvolvimento do processo de acumulação de uma sociedade. A divisão do trabalho expressa as relações que se estabelecem entre técnica, acumulação, território e população, definindo, em diferentes conjunturas históricas, configurações específicas do ponto de vista dos perfis de urbanização. A reestruturação econômica em curso, com base nas inovações tecnológicas ligadas à informática e à comunicação, está redesenhando as formas como se organizam a população e as atividades econômicas no espaço.

Os estudos sobre a urbanização recente no Brasil<sup>1</sup> enfatizam a tendência de desconcentração das metrópoles como fenômeno decorrente das transformações relacionadas ao atual processo de reconversão da base produtiva.

---

\* Socióloga, Técnica da FEE.

<sup>1</sup> São significativos, dentre outros, os trabalhos de Cano e Pacheco (1989), Faria (1983, 1988) e Santos (1988, 1993).

Essa desconcentração vem acompanhada de uma requalificação do papel da metrópole em termos da presença maciça, nela, dos segmentos modernos da economia e da sua influência sobre o crescimento das cidades médias do seu entorno. Ao mesmo tempo, a década de 80 foi marcada por uma redução do ritmo de crescimento populacional, inclusive nas áreas urbanas, o que seria indicativo de uma queda nas taxas de fecundidade e da presença de condições mais favoráveis à retenção de população no campo, ou, ainda, de uma crise das cidades, no sentido de uma deterioração das condições de vida no meio urbano.

Para a compreensão do perfil atual da urbanização do Estado do Rio Grande do Sul é necessário inicialmente apontar as especificidades históricas que caracterizam o seu desenvolvimento sócio-econômico, pois este concorre para a definição das formas atuais da distribuição da população e dos diferentes segmentos produtivos no espaço.

## **Breve histórico da ocupação do território gaúcho**

A formação histórica do Estado traz elementos explicativos importantes para se compreender o processo de urbanização, o qual tem origem em uma ocupação mais dispersa do território em função do desenvolvimento das atividades econômicas relacionadas com a pecuária no sul e com a lavoura no nordeste e no norte.

Nas primeiras décadas do século XIX, a região sul teve seu apogeu com a produção do charque para o abastecimento do mercado interno do País, o que provocou grande crescimento da área de Pelotas e de Rio Grande. O norte constituiu-se na região mais atrasada, caracterizando-se pela coexistência de algumas zonas de pecuária, de extrativismo ervateiro e de pinheirais inexplorados.

A partir de 1850, foi a região nordeste, mais especificamente as áreas de Porto Alegre e São Leopoldo, que experimentou um avanço econômico, sustentado na produção agrícola das colônias alemãs e, mais tarde, das italianas, assim como nas atividades comerciais. A industrialização, que surgiu através do capital comercial, fortaleceu essa região do Estado como pólo de crescimento urbano. No início deste século, observamos a formação de um parque industrial em Porto Alegre (mais tarde também ao seu redor), que gradualmente deslocou a agricultura e assumiu a hegemonia na área que veio a constituir o atual eixo Porto Alegre—Caxias do Sul.

Brevemente, delineamos o quadro que a história econômica do Rio Grande do Sul expõe para a compreensão da atual configuração espacial, constituída pelas seguintes formações regionais:<sup>2</sup>

- o nordeste industrializado, com grandes aglomerações urbanas, em que as atividades agrícolas se tornaram cada vez menos expressivas, à medida que se acelerou o processo de industrialização;
- o norte agrícola, das pequenas e médias propriedades, inicialmente caracterizado pela produção diversificada, elemento que viria praticamente a desaparecer, em algumas áreas da região, nas décadas de 60 e 70, com a expansão das lavouras mecanizadas do trigo e da soja. Certas cidades dessa região conseguiram, com o passar do tempo, sediar algum crescimento industrial diretamente vinculado à produção primária, seja pelo processamento de produtos agrícolas locais, seja pela produção de insumos e implementos para a lavoura;
- o sul, da pecuária e da grande propriedade, caracterizado por um crescimento econômico lento, mesmo com a introdução da lavoura mecanizada do arroz, que se iniciou nas primeiras décadas do século XX e foi responsável por uma relativa dinamização da economia de algumas áreas. Os centros urbanos do sul, apesar de seu porte, não conseguiram sustentar um crescimento industrial significativo, apresentando funções quase exclusivamente terciárias.

Juntamente com essas especificidades da economia a nível regional, aparecem, como veremos adiante, diferenciais significativos na ocupação do território e na sua urbanização.

## **Perfil atual da urbanização gaúcha**

A análise da urbanização do Rio Grande do Sul no período 1980-91 sustenta-se nos indicadores de crescimento e de distribuição espacial da população. É importante conhecer também os dados absolutos, porque nos remetem para o volume populacional implicado no fenômeno em estudo (Tabela 1).

---

<sup>2</sup> Conforme Alonso e Bandeira (1990, p. 76, 77).

Tabela 1

População e variação populacional do Rio Grande do Sul - 1980 e 1991

POPULAÇÃO	1980	1991	Δ% 1980/1991
Urbana .....	5 250 940	6 996 542	33,24
Rural .....	2 522 897	2 142 128	-15,09
Total .....	7 773 837	9 138 670	17,56

FONTE: CENSO DEMOGRÁFICO 1980: Rio Grande do Sul/Brasil (1984). Rio de Janeiro: IBGE.

CENSO DEMOGRÁFICO 1991: Rio Grande do Sul (1992). Rio de Janeiro: IBGE.

As taxas de crescimento da população do Estado, tanto da população total quanto da urbana, mostraram uma redução quando comparadas com as da década anterior. No primeiro caso, a taxa caiu de 1,55% a.a. para 1,48%, sendo que, nas áreas urbanas, o descenso foi de 3,99% a.a. para 2,64%. Já a população rural, na última década, apresentou um relativo estancamento na tendência histórica de queda do seu crescimento, que era de -2,08% a.a. entre 1970 e 1980 e passou para -1,48% entre 1980 e 1991 (Tabela 2).

Embora com um ritmo menos intenso de crescimento, a população gaúcha acha-se fortemente concentrada nas cidades e nas vilas. O grau de urbanização do RS atingiu o patamar de 76,56% no último levantamento censitário, demonstrando a força do componente urbano no quadro demográfico atual (Tabela 3). No entanto é necessário ressaltar que foi a década de 70 que assistiu a uma intensificação da expansão urbana.

Com relação à distribuição da população, é importante avaliar o peso das cinco maiores cidades no conjunto da população do Estado, ou seja, o índice de primazia do nosso sistema urbano. Nesse sentido, podemos dizer que praticamente não houve alteração, ficando esse índice em torno de

24%. Já a primazia da cidade principal — Porto Alegre — apresentou um movimento descendente, passando de 21,23% para 17,83%, indicando uma redução na capacidade da metrópole de atrair novos contingentes populacionais<sup>3</sup> (Tabela 3).

Examinando ainda a distribuição da população no que se refere às classes de tamanho dos municípios, constatamos que o crescimento da população urbana na década de 80 foi mais importante nos estratos médios, ou seja, na faixa de mais de 150.000 até 300.000 habitantes. Em 1980, essa faixa reunia 14,70% da população urbana, passando a absorver 26,40% em 1991 (Tabela 4).

Cabe, finalmente, verificarmos se esse crescimento contemplou especialmente alguma área do território gaúcho. Nesse sentido, foi a Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA) o espaço privilegiado do crescimento urbano da década, mais especificamente os municípios da periferia dessa região, uma vez que a Capital vem perdendo peso demográfico no Estado. Em 1991, a área metropolitana concentrava cerca de 40% do total da população urbana. Essa área vem se expandindo na direção de Caxias do Sul, formando o principal adensamento urbano do Estado, onde se concentram também as atividades econômicas de grande porte<sup>4</sup> (Tabela 5).

Buscaremos, neste ponto, caracterizar, através de indicadores globais, o perfil de urbanização assumido internamente pelas regiões nordeste, norte e sul,<sup>5</sup> já que, como vimos, são grandes as diferenças na base econômica que existem entre elas.

---

<sup>3</sup> As cinco maiores cidades do Rio Grande do Sul, que fazem parte da base de cálculo para a primazia, são: em 1980, Porto Alegre, Canoas, Pelotas, Caxias do Sul e Santa Maria; e, em 1991, Porto Alegre, Canoas, Caxias do Sul, Pelotas e Novo Hamburgo. O índice de primazia considera a população das cinco maiores cidades em relação à população total. Para 1991, foi considerada a população urbana dos municípios, já que o Censo de 1991 não havia divulgado a população urbana da sede, que é considerada a população da cidade.

<sup>4</sup> Essa análise resumida da urbanização no RS tem como fonte o estudo de Oliveira (1995).

<sup>5</sup> No final do texto, em anexo, encontra-se o mapa do RS com a divisão regional analisada.

Tabela 2

Taxas de crescimento da população do Rio Grande  
do Sul - 1970-80 e 1980-91

INDICADORES	1970-80	1980-91
Taxa geométrica de crescimento da população total (a.a.) ..	1,55	1,48
Taxa geométrica de crescimento da população rural (a.a.) ..	-2,08	-1,48
Taxa geométrica de crescimento da população urbana (a.a.)	3,99	2,64

FONTE: CENSO DEMOGRÁFICO 1980: Rio Grande do Sul/Brasil (1984). Rio de Janeiro: IBGE.

CENSO DEMOGRÁFICO 1991: Rio Grande do Sul (1992). Rio de Janeiro: IBGE.

Tabela 3

Indicadores de urbanização do Rio Grande do Sul - 1980 e 1991

INDICADORES	1980	1991	(%)
Grau de urbanização (1) .....	67,55	76,56	
Índice tradicional de primazia (2)	24,13	24,58	
Cidade principal-população urbana	21,23	17,83	

FONTE: CENSO DEMOGRÁFICO 1980: Rio Grande do Sul/Brasil (1984) Rio de Janeiro: IBGE.

CENSO DEMOGRÁFICO 1991: Rio Grande do Sul (1992). Rio de Janeiro: IBGE.

(1) Grau de urbanização:  $\frac{\text{população urbana}}{\text{população total}} \times 100$

(2) Índice tradicional de primazia:  $\frac{\text{população das cinco maiores cidades}}{\text{população total}} \times 100$

Tabela 4

População urbana, por classe de tamanho, dos municípios do  
Rio Grande do Sul - 1980 e 1991

CLASSES DE TAMANHO (hab.)	CENSO DE 1980			
	Municípios		População	
	Número	%	Habitantes	%
Total do Estado	232	100,00	5 250 940	100,00
Até 20 000	185	80,00	1 082 772	20,60
De 20 001 a 50 000	23	10,00	791 605	15,10
De 50 001 a 100 000	15	6,00	1 004 567	19,10
De 100 001 a 150 000	4	2,00	482 439	9,20
De 150 001 a 200 000	1	0,00	154 565	2,90
De 200 001 a 300 000	3	1,00	620 125	11,80
Mais de 300 001	1	0,00	1 114 867	21,20

CLASSES DE TAMANHO (hab.)	CENSO DE 1991			
	Municípios		População	
	Número	%	Habitantes	%
Total do Estado	333	100,00	6 996 542	100,00
Até 20 000	271	81,00	1 337 381	19,11
De 20 001 a 50 000	32	10,00	988 490	14,12
De 50 001 a 100 000	16	5,00	1 085 591	15,51
De 100 001 a 150 000	4	1,00	489 477	6,90
De 150 001 a 200 000	5	2,00	845 733	12,08
De 200 001 a 300 000	4	1,00	1 002 141	14,32
Mais de 300 001	1	0,00	1 247 352	17,82

FONTE: CENSO DEMOGRÁFICO 1980: Rio Grande do Sul (1984). Rio de Janeiro: IBGE.

CENSO DEMOGRÁFICO 1991: Rio Grande do Sul (1992). Rio de Janeiro: IBGE.

Tabela 5

Importância relativa da população urbana de diferentes áreas geográficas do Rio Grande do Sul e da RMPA - 1980 e 1991

			(%)
DISCRIMINAÇÃO	1980	1991	
RMPA/RS .....	40,91	40,14	
		(1) 41,65	
Demais municípios do RS/RS	59,09	69,96	
Porto Alegre (núcleo)/RMPA	51,90	44,41	
Demais municípios da RMPA			
(periferia)/RMPA .....	48,10	57,19	
Porto Alegre (núcleo)/RS .	21,23	17,83	
Demais municípios da RMPA			
(periferia)/RS .....	19,68	29,14	
Rio Grande do Sul .....	100,00	100,00	

FONTE: CENSO DEMOGRÁFICO 1980: Rio Grande do Sul (1984). Rio de Janeiro: IBGE.

CENSO DEMOGRÁFICO 1991: Rio Grande do Sul (1992). Rio de Janeiro: IBGE.

(1) Corresponde à composição da RMPA, incluindo os oito municípios que, em 1989, foram a ela incorporados.

Ao observarmos a Tabela 6, chama atenção o fato de que a região nordeste, embora apresente a menor área, concentra o maior número de habitantes. Na situação oposta, temos a região sul, detendo a maior superfície e o menor peso populacional.

Considerando-se a densidade demográfica, a taxa correspondente à região nordeste é significativamente superior às das demais conformações (Tabela 6).

Com relação à distribuição espacial, a região nordeste absorve 45,07% da população total do Estado, sendo que as regiões norte e sul guardam 29,73% e 25,28% respectivamente. Podemos observar uma quase-paridade no tocante à participação da população de cada uma destas duas últimas conformações regionais na população do RS (Tabela 6).

Três situações merecem ainda destaque no que diz respeito à população: a primeira é a preponderância da população das vilas e das cidades na região nordeste, a qual detém 53,11% da população urbana gaúcha; a segunda remete à população rural, que, na região norte, zona da pequena propriedade, ganha supremacia e representa, inclusive, 56,47% da população rural do Estado; finalmente, coloca-se a situação do sul, onde o predomínio da grande



propriedade faz com que a importância da área que ocupa no território gaúcho não tenha correspondência na população (Tabela 6).

O exame do grau de urbanização deixa evidente a situação diferenciada entre a região nordeste e a norte, pois ele atinge 90,37% e 55,45% respectivamente. Na região sul, esse índice está em torno de 76%, apresentando a mesma proporção que para o total do Estado (Tabela 6).

Para dar continuidade à análise da urbanização, do ponto de vista das realidades regionais, é relevante examinarmos a distribuição da população por diferentes classes de tamanho dos municípios. O exame dessa distribuição revela que, na região nordeste, são os extratos constituídos pelas maiores cidades (mais de 150 mil habitantes) que mantêm o predomínio em termos de absorção da população. Detectamos sete núcleos nesse grupo, detendo 66,4% da população urbana regional. Certamente a presença da metrópole nessa região é fundamental para conformar uma situação de concentração urbana (Tabela 7).

Tabela 6

Indicadores representativos do perfil de urbanização nas regiões nordeste, norte e sul do Rio Grande do Sul - 1991

DIVISÃO TERRITORIAL	SUPERFÍCIE (km <sup>2</sup> )	DENSIDADE (hab/km <sup>2</sup> )	DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL (%)
Nordeste ...	25 869,3	158,90	45,07
Norte .....	93 456,6	29,06	29,73
Sul .....	148 211,8	15,58	25,28
TOTAL ...	267 537,7	34,15	100,00

DIVISÃO TERRITORIAL	POPULAÇÃO			GRAU DE URBANIZAÇÃO (%)	NÚMERO DE MUNICÍPIOS
	Urbana	Rural	Total		
Nordeste ...	3 716 194	395 965	4 112 159	90,37	72
Norte .....	1 506 073	1 209 776	2 715 849	55,45	198
Sul .....	1 774 275	536 387	2 310 662	76,78	63
TOTAL ...	6 996 542	2 142 128	9 138 670	76,55	333

FONTE: CENSO DEMOGRÁFICO 1991: Rio Grande do Sul (1992). Rio de Janeiro: IBGE.

Tabela 7

População urbana, por classe de tamanho dos municípios, nas regiões nordeste, norte e sul do Rio Grande do Sul - 1991

CLASSES DE TAMANHO (hab.)	REGIÃO NORDESTE			
	Municípios		População	
	Número	%	Habitantes	%
Total da região	72	100,0	3 716 193	100,0
Até 20 000	47	65,3	325 884	8,8
De 20 001 a 50 000	11	15,3	324 039	8,7
De 50 001 a 100 000	5	6,9	350 859	9,4
De 100 001 a 150 000	2	2,8	246 367	6,6
De 150 001 a 200 000	3	4,2	484 366	13,0
De 200 001 a 300 000	3	4,2	736 949	19,8
Mais de 300 001	1	1,4	1 247 529	33,6

CLASSES DE TAMANHO (hab.)	REGIÃO NORTE			
	Municípios		População	
	Número	%	Habitantes	%
Total da região	198	100,0	1 506 074	100,0
Até 20 000	182	91,9	695 058	46,2
De 20 001 a 50 000	9	4,5	297 140	19,7
De 50 001 a 100 000	6	3,0	376 588	25,0
De 100 001 a 150 000	1	0,5	137 288	9,1
De 150 001 a 200 000	-	-	-	-
De 200 001 a 300 000	-	-	-	-
Mais de 300 001	-	-	-	-

CLASSES DE TAMANHO (hab.)	REGIÃO SUL			
	Municípios		População	
	Número	%	Habitantes	%
Total da região	63	100,0	1 774 275	100,0
Até 20 000	42	66,7	316 439	17,8
De 20 001 a 50 00	12	19,0	367 311	20,7
De 50 001 a 100 00	5	7,9	358 144	20,2
De 100 001 a 150 00	1	1,6	105 822	6,0
De 150 001 a 200 00	2	3,2	361 367	20,4
De 200 001 a 300 00	1	1,6	265 192	14,9
Mais de 300 001	-	-	-	-

FONTE: CENSO DEMOGRÁFICO 1991: Rio Grande do Sul (1992). Rio de Janeiro: IBGE.

Já a região norte se encontra no outro limite, pois são as classes de menor tamanho que absorvem mais população. Observamos que, do total da população urbana dessa unidade regional, 65,9% se concentra nas cidades de pequeno porte (menos de 50 mil habitantes). Não obstante, estão aí localizadas algumas cidades de importância, como Passo Fundo e Santa Cruz do Sul (Tabela 7).

Finalmente, a região sul do Estado apresenta uma distribuição mais equilibrada da população pelas cinco classes de tamanho dos municípios (Tabela 7).

Para uma ampliação do panorama demográfico esboçado, consideramos relevante caracterizar as regiões em estudo na sua configuração econômica atual. Para tanto, utilizaremos a renda interna municipal e a distribuição da População Economicamente Ativa (PEA) por setores de atividade, ressaltando que a ausência de informações atualizadas para a última variável exigiu uma abordagem retrospectiva.

O exame da Tabela 8 demonstra a situação superior da região nordeste no quadro da economia gaúcha, tendo gerado, em 1990, mais da metade da renda interna total do RS. A avaliação da renda *per capita* confirma a superioridade da região nordeste do Estado. Com relação às outras duas conformações regionais, detectamos uma certa igualdade de condições: embora a sul disponha de renda interna mais baixa, na renda *per capita* essa diferença diminui comparativamente à região norte, o que evidencia a diferença no volume populacional dessas duas áreas (Tabela 8).

A análise da distribuição da renda interna bruta por setores de atividade mostra uma semelhança no que diz respeito ao peso da participação do Terciário na estrutura da renda regional. As três regiões, como o RS, apresentam em torno de 53% da renda oriunda desse setor (Tabela 9).

Com relação ao Setor Secundário, observamos a supremacia da região nordeste, pois, do total da sua renda interna bruta, 44,36% advém da indústria. Nas demais regiões, esse percentual está ao redor de 25%. A região norte destaca-se no Setor Primário, já que 23,71% de sua renda tem procedência nesse segmento produtivo. A sul apresenta uma proporção superior à alcançada no Estado como um todo (19,93%), embora, internamente, corresponda ao menor valor da sua renda. Na região nordeste, como era esperado, a produção agropecuária apresenta uma proporção pouco significativa, ou seja, 2,56% (Tabela 9).

Tabela 8

Renda interna e renda per capita das regiões nordeste, norte e sul do Rio Grande do Sul - 1990

DIVISÃO TERRITORIAL	RENDA INTERNA (US\$ bilhões)	RENDA PER CAPITA (US\$)
Nordeste .....	18,37	4,471
Norte .....	7,77	2,867
Sul .....	5,66	2,465
Total do RS ..	31,8	3,509

FONTE: FEE/NÚCLEO DE CONTAS REGIONAIS.

Tabela 9

Distribuição da renda interna bruta, por setores de atividade, e participação da renda setorial na renda do RS, segundo as regiões nordeste, norte e sul do Rio Grande do Sul - 1990

SETORES	NORDESTE		NORTE	
	Estrutura	Participação	Estrutura	Participação
Primário ....	2,56	13,56	23,71	53,04
Secundário ..	44,36	71,17	22,84	15,50
Terciário ...	53,08	57,14	53,45	24,34
TOTAL ....	100,00		100,00	

SETORES	SUL		RIO GRANDE DO SUL	
	Estrutura	Participação	Estrutura	Participação
Primário ....	19,93	32,47	10,86	100
Secundário ..	25,04	12,38	35,70	100
Terciário ...	55,03	18,26	53,44	100
TOTAL ....	100,00		100,00	

FONTE: FEE/NÚCLEO DE CONTAS REGIONAIS.

Observando agora a participação das regiões na renda setorial do RS, constatamos o destaque da região nordeste pela sua contribuição à renda do Terciário (57,14%) e, especialmente, à renda industrial (71,17%). Quanto à renda gerada pela produção agropecuária, sobressaem-se a região norte, com participação de 53,04%, e a região sul, com 32,47%. Chama atenção a situação da região sul, que apresenta a menor contribuição à renda gerada nos três setores da economia do Estado (Tabela 9).

O quadro da distribuição da PEA, embora não contemple os dados para 1990, permite-nos realizar uma análise complementar do comportamento da economia dessas regiões.

Tabela 10

Distribuição da População Economicamente Ativa, por setores de atividade, nas regiões nordeste, norte e sul do Rio Grande do Sul -- 1970 e 1980

SETORES	REGIÃO NORDESTE		REGIÃO NORTE	
	1970	1980	1970	1980
Primário ...	19,91	8,41	70,38	52,25
Secundário .	27,95	37,58	8,53	14,94
Terciário ..	52,14	54,01	21,09	32,81
TOTAL ...	100,00	100,00	100,00	100,00

(%)

SETORES	REGIÃO SUL		RS	
	1970	1980	1970	1980
Primário ...	44,57	31,37	47,0	28,8
Secundário .	13,72	19,57	16,0	26,2
Terciário ..	41,71	49,05	37,0	45,0
TOTAL....	100,00	100,00	100,0	100,0

FONTE: CENSO DEMOGRÁFICO 1970: Rio Grande do Sul (1973). Rio de Janeiro: IBGE.  
CENSO DEMOGRÁFICO 1980: Rio Grande do Sul (1983). Rio de Janeiro: IBGE.

A tendência detectada entre 1970 e 1980 é de crescimento da PEA nos Setores Secundário e Terciário em todas as regiões. Destaca-se, sobretudo, o crescimento da PEA industrial tanto na nordeste como no total do Estado. O Setor Terciário detém a ênfase na absorção da PEA, com exceção da região norte, que, apesar de em 10 anos ter perdido significativamente População Economicamente Ativa no Setor Primário, ainda detém nesse segmento a maior proporção, pois, em 1980, corresponde a 52,25% (Tabela 10).

O desenho desse quadro retrata, em síntese, uma configuração do espaço gaúcho que articula a produção industrial privilegiadamente na região nordeste, onde estão concentradas também a população e a renda interna bruta. Já a produção agropecuária se distribui entre a norte e a sul, com maior concentração da PEA agrícola na região norte.

## **Características e tendências do quadro urbano-regional do Estado**

Como característica fundamental da atual urbanização do Estado, esta análise aponta uma significativa desigualdade regional. Observamos que, na última década, o ritmo de crescimento da população urbana foi menor, com uma elevada concentração nos núcleos urbanos de maior porte da região nordeste. Essa supremacia relaciona-se também com a sua inserção na economia do Estado.

A desigualdade encontrada no sistema urbano gaúcho remete-nos para a seguinte questão: a região nordeste, principalmente no seu eixo Porto Alegre—Caxias do Sul, mostra que incorporou de alguma maneira a economia urbano-industrial com todas as suas manifestações no território, inclusive as perversas, que vão desde segregação da moradia, desigual distribuição dos equipamentos e serviços urbanos, até deterioração ambiental. As aglomerações urbanas encontradas nas regiões norte e sul, na medida em que estariam evidenciando uma integração econômica diferenciada, vinculada à economia agrícola, a outros tipos de indústria, ou até relacionadas com posições geográficas específicas, não trariam um outro perfil ao segmento urbano, no que se refere à qualidade de vida?

Em termos prospectivos, é importante levantar algumas questões que remetem às mudanças recentes no quadro urbano e regional vinculadas às

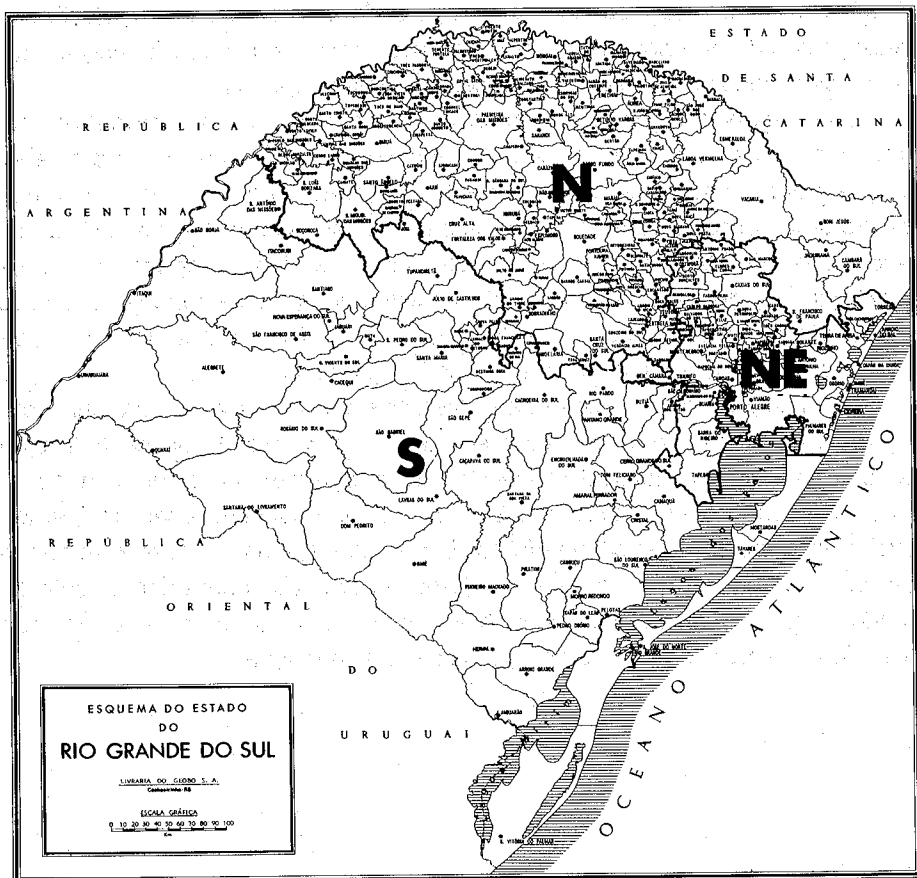
repercussões locais do processo de reestruturação econômica que experimenta o capitalismo a nível mundial.

Em primeiro lugar, temos as políticas de integração latino-americana. Sobre esse aspecto, devemos atentar para as peculiaridades do RS em relação aos países do Prata, não só porque sua área de fronteira, caracterizada até então como limite geopolítico, poderá passar à área de integração, como também porque o processo de criação de um espaço econômico comum tenderá a provocar desarticulações no setor produtivo, que poderão atingir algumas regiões, contribuindo, assim, com novos elementos alteradores do atual perfil da urbanização do RS.

Em segundo lugar, colocam-se as alterações do setor produtivo, em função das quais se torna necessário conhecer a nova relação campo-cidade, já que, dentre outras coisas, atualmente a atividade produtiva está estabelecendo uma conexão estreita na busca de vantagens comparativas no que se refere à proximidade entre o setor industrial e o agrícola, engendrando uma rede que vai desde a produção até a distribuição. Esse fenômeno ocorre significativamente nas regiões norte e nordeste do Rio Grande do Sul, envolvendo segmentos tradicionais da produção agropecuária.

Finalmente, distinguimos outra situação de grande relevância na atual configuração urbana e regional, tendo em vista o processo de descentralização política: trata-se do reforço do papel da cidade, que ganha a potencialidade de dinamizar espaços regionais. Nesse sentido, a cidade não deverá ser considerada exclusivamente em suas características intra-urbanas, mas deve ser vista dentro de uma perspectiva que explore os fatores relacionados com o incremento do "poder local", na relação interurbana. Além disso, podemos supor que, a partir das "cidades dinamizadoras", teremos outros recortes regionais.

## Regiões norte, nordeste e sul do Rio Grande do Sul





## Bibliografia

- ALONSO, José Antônio F. et al. (1993). **O crescimento da Região Sul do Estado**: causas e perspectivas. Porto Alegre: FEE.
- ALONSO, José Antônio F., BANDEIRA, Pedro S. (1990). Crescimento inter-regional no RS, nos anos 80. In: ALMEIDA, Pedro F. da Cunha, coord. **A economia gaúcha e os anos 80**: uma trajetória regional no contexto da crise brasileira. Porto Alegre: FEE. p.67-130.
- BARCELLOS, Tanya M. de, coord. (1995). Migrações internas: os conceitos básicos frente a realidade da última década. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v.16, n.1, p.296-309.
- CANO, Wilson, PACHECO, Carlos A. (1989). **O processo de urbanização do estado de São Paulo e suas implicações sobre a dinâmica demográfica regional**. Águas de São Pedro: ANPUR. (3. Encontro Nacional; mimeo).
- CENSO DEMOGRÁFICO 1980: Brasil (1984). Rio de Janeiro: IBGE.
- CENSO DEMOGRÁFICO 1980: Rio Grande do Sul (1984). Rio de Janeiro: IBGE.
- CENSO DEMOGRÁFICO 1991: Brasil (1992). Rio de Janeiro: IBGE.
- CENSO DEMOGRÁFICO 1991: Rio Grande do Sul (1992). Rio de Janeiro: IBGE. (Resultados preliminares).
- CENSO DEMOGRÁFICO 1991: Rio Grande do Sul (1992). Rio de Janeiro: IBGE.
- FARIA, Vilmar (1976). O sistema urbano das características e tendências recentes. **Estudos CEBRAP**, São Paulo: Brasiliense, n.18, p.91-115, out./dez.
- FARIA, Vilmar (1983). Desenvolvimento, urbanização e mudanças na estrutura do emprego: a experiência brasileira dos últimos trinta anos. In: SORJ, Bernardo, ALMEIDA, Maria H. Tavares de. **Sociedade e política no Brasil pós 64**. São Paulo: Brasiliense. p.118-163.
- FARIA, Vilmar (1988). Cinquenta anos de urbanização no Brasil: tendências e perspectivas. In: CONFERÊNCIA RESTRUTURAÇÃO URBANA: tendências e desafios. Rio de Janeiro.
- JARDIM, Maria de Lourdes S. T. (1993). **Distribuição espacial do crescimento da população do Rio Grande do Sul**: tendências recentes. Porto Alegre. (mimeo).

OLIVEIRA, Naia (1995). **Dinâmica da urbanização gaúcha na perspectiva populacional**. Porto Alegre: FEE. (No prelo).

SANTOS, Milton (1988). O meio técnico-científico e a urbanização no Brasil. **Espaço e Debates**, São Paulo: Parma, n.25, p.58-62.

SANTOS, Milton (1993). **A urbanização brasileira**. São Paulo: HUCITEC. 157p.